

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

PROCURA-SE UMA VAGA... NO DICIONÁRIO

Lilian Manes de Oliveira (UNESA)

manes@vetor.com.br e manes.lilian@gmail.com

Alexandre Coleti Mariano (UNESA)

alexcoleti@gmail.com

Andréa Arci Mattos Souza Alves (UNESA)

bembubek@globo.com

Leonardo Mendes Couto (UNESA)

leocoutinho83@hotmail.com

Mariza Leiria Dias (UNESA)

ricmardias@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho pretende elencar vocábulos e expressões não dicionarizados do português brasileiro, reunidos em quatro áreas: anglicismos, neologismos, termos do candomblé e dos vendedores de lojas; elenca, também, vocábulos dicionarizados, mas que ainda não apresentam o significado das duas últimas áreas ou que adquiriram um novo significado no registro informal. Utilizou, como *corpus*, os dicionários Houaiss, Aurélio século XXI, Michaelis e o Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras, edição de 2009; e depoimentos de dois informantes da terceira idade, um de nível de escolaridade superior e outro, de nível fundamental, para a área do candomblé; para a linguagem dos vendedores de lojas, de cinco jovens, de escolaridade correspondente ao Ensino Médio, desde julho de 2007 até julho de 2009. Aborda os conceitos de empréstimo, neologismo e mudança de significado.

1. Desenvolvimento

Para Ieda Maria Alves (1990), *neologismo*, nova palavra, é o elemento resultante do processo de criação lexical. Ele pode formar-se por “mecanismos oriundos da própria língua... ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1.1. O empréstimo linguístico e as diversas correntes teóricas

O estruturalismo já se preocupava com o empréstimo. Antoine Meillet (1886-1936), discípulo de Saussure, influenciado pela doutrina sociológica de Durkheim, já concebia a história das línguas como inseparável da cultura e da sociedade. Divergia da doutrina neogramática, que deixava o componente social para segundo plano (GONÇALVES, 1998).

O estruturalismo norte-americano divulgou, por intermédio de Leonard Bloomfield e Edward Sapir, o termo empréstimo (*borrowing*). Bloomfield (1984) o definiu como “a adoção de traços linguísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional”. Ressaltou, também, que, gramaticalmente, a forma emprestada se sujeita ao sistema da língua receptora, na sintaxe e nas construções de composição ou de outro processo de formação de palavras. Mattoso Câmara Jr. (1975) corroborou tal conceito, ao afirmar: “Com efeito, a tendência geral dos empréstimos vocabulares é adotarem a fisionomia mórfica da língua importadora”.

O funcionalismo tem como grande conquista o ponto de contato com a sociolinguística, isto é, para se explicar a história de um vocábulo, é mister aliar-se a sua função ao sistema social. Assim, os empréstimos atualizam-se: entram e saem de uso; alguns sofrem alterações no significado. Ao contestar o conceito semântico tradicional de referência, Martelotta (2003) afirma que

Se por um lado a produção discursiva é limitada pelas restrições já consagradas na gramática da língua, por outro constitui um processo criativo no qual o falante recria formas e estende sentidos de acordo com suas limitações cognitivas e as necessidades comunicativas impostas contextualmente.

Eni Orlandi (1988), numa visão discursiva, levanta a questão de ser redutora a abordagem do empréstimo, uma vez que só se preocupa com a contribuição das línguas europeias e asiáticas, não concedendo às línguas indígenas o *status* de línguas. Pode-se acrescentar que, no rol das línguas estigmatizadas, se encontram as africanas. A linguista ainda reitera a necessidade de se atentar para processos discursivos, que extrapolem o nível do vocábulo isolado.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

1.2. Neologismos

Os neologismos, não dicionarizados, aqui apresentados, foram grupados por campos semânticos.

1.2.1. Política

De maneira geral, as atividades dos nossos políticos costumam estampar as páginas das revistas semanais com manchetes nada satisfatórias; entretanto esse campo da política tem sido terreno fértil para o surgimento (ou criação) de vários *neologismos*. Contribuem para isso, além dos próprios políticos, os colunistas da área e os cientistas políticos. Os novos vocábulos exemplificam os diversos processos de formação de palavras da língua portuguesa: *Chavista, Diferencialismo, Laranja-empresário, Laranja-secretário, Lulismo, Lulista, Mensalão, Mensaleiros, Mensalinho, Privatismo, Sadamista, Talebanizar, Politicolíngua*.

1.2.2. Música

O meio musical dispõe de um glossário bastante peculiar, como se fosse uma pequena língua mesmo. Alguns termos utilizados para determinar novos estilos ou tendências musicais, como foi o rock, heavy metal, punk, folk, entre outros, são aceções universais. Tanto os artistas quanto os críticos e profissionais da área utilizam-se desse vocabulário. Em alguns casos, se o leitor não possuir com ele o mínimo de familiaridade, poderá ter o seu entendimento comprometido: *Funkeadas, Megahit, Riffeiro, Vuvuzelas*.

1.2.3. Cinema

Muitos vocábulos encontrados, que habitam com frequência as páginas do referido campo semântico, utilizados largamente por profissionais da área, encontram-se já dicionarizados. Como não dicionarizado, encontrou-se: *Tecnothriller*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

1.2.4. Internet

O ‘mundo da internet’ fascina desde jovens a adultos, sem distinção de faixa etária; uns, em busca de diversão, entretenimento, relacionamentos; outros, de trabalho. Algo que tem causado muita discussão e preocupado os linguistas é uma nova forma de escrita divulgada por esse meio de comunicação, que tem como base a abreviação fonológica dos vocábulos. Os artigos midiáticos desse campo estão recheados de neologismos, em grande parte por meio de empréstimos. Os vocábulos *blog e twitter*, por exemplo, tornaram-se bastante produtivos como se verifica abaixo: *Blogosfera, Blog, Blogueiro(a), Fotoblog, Twitteratura, Twittamos*.

1.2.5. Ciência e Tecnologia

A ciência está sempre em busca de novos meios para tornar mais segura e confortável a vida do ser humano. Sendo assim, a linguagem acompanha – guardadas as devidas proporções – tais transformações. É o avanço lexical em prol dos avanços tecnológicos: *Nanorrobos, Nanotecnologia, Ultra-alta-definição, Ortorexia*.

1.2.6. Economia

No campo semântico da economia, percebe-se a predominância dos estrangeirismos. Objetivando a proposta do trabalho de relacionar apenas os vocábulos não dicionarizados, constatou-se: a quantidade de *estrangeirismos*, a maioria proveniente da língua inglesa, já dicionarizados. Dentre os não dicionarizados, destacam-se: *Big Crunch, Crunch, Estabishment, Iogabusiness, Megassuperávit*.

1.2.7. Religião

Registram-se alguns vocábulos utilizados para designar movimentos religiosos e composições/fusões religiosas: *Jihadismo, Umbandomblé*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1.2.8. Atividades Caracteristicamente Femininas

Cita-se esse campo, se não sugestivo ao menos curioso, para registrar os vocábulos que fazem parte do universo das mulheres, ou são a elas inerentes: *Megahair, Popozuda*.

1.2.9. Veículos Automotores

Aqui se apontam vocábulos utilizados para designar novos meios de transporte ou formas criativas de tratamento para os existentes: *Busão, Mototáxi*.

1.2.10. Relações Sociais

Na realidade, não se registram somente vocábulos que fazem parte da convivência, das relações sociais e mundanas, mas também os que não se encaixam em outros campos semânticos. Tem-se, pois, a intenção de não estender por demais o trabalho com a inserção de campos semânticos excessivamente restritos: *Affair, After-hours, Barista, Bingueiro, Chill Out, Cirquês, Concurseiros, Corruptômetro, Divômetro, Doutorização, Enciclopedicamente, Gastosos, Geek, Global Warming, Mainstream, Postnups*.

1.2.11. Atividades Esportivas

Estádios de futebol, em geral, têm capacidade de proporcionar espetáculos magistrais e inesquecíveis, configurando-se assim numa popular forma de entretenimento para a sociedade. A partir de acontecimentos memoráveis que marcaram alguns estádios, como o Maracanã, no Brasil, e o Centenário, no Uruguai, o primeiro marcado por uma derrota e o segundo por uma vitória da seleção brasileira inesperadas, surgiram: *Maracanazzo, Centenarazzo*.

Com a saída de craques do Milan, time italiano, de camisa vermelha e preta, surgiu na mídia o termo “rossoner” (*it.* correspondente ao português rubro-negro). Destaque-se a flexão portuguesa, a ele atribuída, confirmando o que Câmara afirma sobre a incor-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

poração do empréstimo à língua receptora: “dívidas rossoneras” (*O Globo*, 09/07/2007).

1.3. Anglicismos

Quando EU uso uma palavra, disse Humpty Dumpty, num tom de menosprezo, ela significa o que eu quero que signifique – nem mais nem menos.

A questão é, disse Alice, se você PODE fazê-las significar tantas coisas diferentes.

A questão é, disse Humpty Dumpty, saber quem manda – e isso é tudo. (CARROLL, 1962).

No prefácio do *Dicionário de Anglicismos* (SANTOS, 2006), Heloísa Gonçalves Barbosa comenta sobre a infiltração da língua inglesa em todos os idiomas do mundo, por causa, nas palavras do autor, “dos avanços científicos e tecnológicos, além do universo de consumo e dos negócios, da indústria e do comércio, do vocabulário do entretenimento e manifestações culturais correlatas”. O presente trabalho visa a analisar brevemente o processo de criação lexical que envolve o empréstimo e uso de vocábulos e sintagmas ingleses na imprensa brasileira.

Segundo David Crystal (*apud* CARVALHO 1989, p. 43), os empréstimos podem ser de quatro tipos, que serão ilustrados a seguir: *importação de forma e significado*, *importação de significado e parte da forma*, *importação do significado e composição e ainda tradução item por item*. Segundo Carvalho, o empréstimo “constitui-se na fase de instalação e adaptação do termo” (1989), e um termo deixa de ser estrangeiro quando não é mais percebido como tal. Esse é, por exemplo, o caso da palavra *show*, já dicionarizada e sem equivalente de uso corrente. A grafia aportuguesada *xou* é empregada apenas como marca comercial de programa televisivo, como em *Xou da Xuxa*.

O primeiro dos casos de empréstimo do inglês envolve *importação de forma e significado*, e a adaptação fonológica é feita pelos falantes de modo a facilitar a pronúncia, aproximando-a àquela da língua materna. Assim, consoantes desacompanhadas no início ou fim da palavra ganham um som vocálico complementar, como em

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

estande, já dicionarizada. Em alguns casos, o som é pronunciado, mas não representado graficamente, como em *pink*.

“Este Motorola é tão moderno que já vem vestido de *pink*” (*O Globo*, 06/07/07).

“Festa *rave* em Itaboraí acaba com 18 jovens internados e um deles morre” (*O Globo*, 29/10/07).

“Céu de brigadeiro: docinho caseiro ganha status *cool* em conversas e mesas da cidade” (*O Globo*, 18/08/07).

“Mas não é o *crash* das bolsas o fenômeno temido pelos bancos centrais, e sim o *crunch* no crédito. Pois, se o *crash* nas bolsas machuca, o *crunch* no crédito mata” (*O Globo*, 13/08/07).

“Tênis ostentando marcas famosas também são vendidos em diversos *boxes* (...) num *box*, o próprio vendedor dizia que se tratava de uma réplica” (*O Globo*, 22/06/07).

“Mattel anuncia *recall* de 18,6 milhões de brinquedos” (*O Globo*, 15/08/07).

“Homem pequeno. Também conhecido por baixinho, magrinho, franzino, *pocket*” (*O Globo*, 30/05/09).

A importação de forma e significado pode abranger sintagmas inteiros, não apenas palavras isoladas, como em:

“O *talk of the town* no último fim de semana foi o TIM festival” (*O Globo*, 03/11/07).

“Essa roupa é de 1983 e tô me sentindo total *up to date*, ria Fernanda Basto, num *look* “toureiro”. (*O Globo*, 27/05/09).

O segundo tipo de empréstimos lexicais da língua inglesa envolve a *importação de significado e parte da forma*. Ainda segundo Carvalho, após a adaptação fonológica, os empréstimos portam-se como radicais vernáculos e dão origem a novos termos em processos de derivação e composição (1989). Um exemplo é a palavra *topiqueiro(s)*, derivada de Topic, marca de um veículo utilitário. A nova palavra designa o(s) dono(s) de veículo(s) similar(es).

“Transporte alternativo: *Topiqueiros* contra projeto em Niterói” (*Extra*, 03/07/07).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Outros exemplos de derivação encontram-se em palavras como *customizar* e *lobista*.

“Karina Paixão estudou moda na Saint Martin, em Londres (...). Além disso *customiza* os modelos comprados na loja” (*O Globo*, 16/06/07).

“Eu não sei do que me acusam’, diz o senador, suspeito de ter as despesas pagas por *lobistas* de empreiteiras” (*O Globo*, 05/07/07).

“Vida de *blogueiro*: conheça os cinco novos escritores do *Bloguinho*” (*O Globo*, 08/07/07)

Com frequência, as duas formas de empréstimo coexistem na mesma frase, como, por exemplo:

“Raquel Zimmermann, nossa *top roqueira* e um sucesso, mostra porque o *black total* nunca sai de moda”.

No terceiro tipo de empréstimos correm os casos de *importação do significado e composição*. No processo de composição por justaposição encontram-se palavras como *moleskinemia*, que designa o hábito de usar determinado tipo de caderno de anotações, e em *gatonet*, que designa um sistema clandestino de ligações elétricas ou telefônicas.

“*Moleskinemia*: caderno usado por ícones como Picasso é a nova onda da cidade” (*O Globo*, 21/07/07)

“Operação com ANATEL: *Gatonet* em 12 bairros do Rio” (*Extra*, 22/06/07).

A composição, além de dar origem a palavras isoladas, pode gerar expressões nas quais apenas uma ou ambas as partes são importadas. Assim, a expressão *personal cabrocha* para designar uma professora de dança remete à ideia de *personal trainer*, ou seja, o profissional que faz um acompanhamento personalizado das atividades físicas de uma pessoa, e a expressão *surfe randômico* remete à busca aleatória num banco de dados eletrônico.

“*Personal cabrocha* – uma passista da Vila Isabel está lapidando o rebolado da Miss Brasil” (*O Globo*, 02/10/07)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Uma das boas coisas da tecnologia é o uso da função *randômica* (...). Dependendo da capacidade de armazenamento do bicho embaralhador, (...) o *surfe randômico* pode ser um esporte radical de alto grau de adrenalina” (*O Globo*, 27/10/07).

O quarto e último tipo de empréstimo elencado por Carvalho, consiste na *tradução item por item*, exemplificada na expressão *primeiro-rapaz* (*first-laddie*), usada, durante a campanha presidencial norte-americana, com referência à possível atuação política de Bill Clinton, caso sua mulher Hillary Clinton fosse eleita para o cargo de presidenta da república dos Estados Unidos.

“O ex-presidente que quer ser ‘primeiro-rapaz’” (*O Globo*, 23/09/07).

Esse tipo de empréstimo também está presente na tradução da expressão *smart casual*, referindo-se a um determinado estilo de traje, como no exemplo:

“O traje pedido para a inauguração do bar do Copa, ontem era o *smart casual – casual esperto* ou *casual com noção*” (*O Globo*, 24/03/09)

Qualquer que seja a forma de importação, é interessante notar que as palavras, além de terem sua pronúncia aproximada do português, podem ser usadas como se pertencessem à classe gramatical que convém à situação em português, não à classe gramatical da língua de origem. Por exemplo, na frase “Usava um penteado, digamos, *fashion*” (*O Globo*, 16/06/07), a palavra *fashion* – um substantivo, em inglês, funciona como adjetivo ou locução adjetiva no lugar de *elegante, na moda*. Num exemplo anteriormente citado – “o *black* total nunca sai de moda”, a palavra *black* – um adjetivo, em inglês, aparece substantivada e precedida de artigo. Pode também ocorrer o uso da importação da estrutura linguística, da ordem das palavras, como na expressão “Betty conheceu Saint Laurent numa *very, very gay boate* de Paris nos anos 60” (*O Globo*, 17/05/09), onde o uso do modificador antecede a palavra modificada, seguindo a ordem mais comum no inglês. Nessa situação, a ordem mais natural do português seria dizer-se “numa boate *muito, muito gay*”, ainda mantendo-se o empréstimo de *gay*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Tarallo (1997) afirma que toda mudança linguística pressupõe variação, e, segundo Alves, “o estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza” (2004), uma vez que as transformações sociais e culturais refletem-se no modo pelo qual a sociedade se expressa. Retomando-se as palavras da personagem criada por Lewis Carroll, citadas no início deste trabalho, é lícito concluir que, tratando-se de renovação ou empréstimos lexicais, quem “manda” na língua são seus usuários, e o inventário das novas formas lexicais e dos empréstimos linguísticos veiculados pela imprensa são indicadores seguros dessas transformações.

1.4. A linguagem do candomblé

O português, de origem latina, sempre esteve, como qualquer língua viva, em constante evolução em todos os países onde é falado, contribuindo com e assimilando vocábulos de outras culturas com as quais conviveu. No Brasil, essa influência no português foi recebida, principalmente, de idiomas indígenas e africanos, e destes uma grande parte originou-se da linguagem litúrgica utilizada pela consolidação de cultos das várias etnias africanas que para cá foram trazidas e vieram a formar o panteão de divindades que originou o candomblé. Este trabalho enfoca essa influência, fazendo um recorte epistemológico da contribuição da linguagem usada no candomblé que, dada a sua condição de manifestação religiosa, cultural e social, acabou por introduzir no português brasileiro, inúmeras palavras de origem litúrgica, já dicionarizadas. O presente trabalho elenca palavras não dicionarizadas e palavras dicionarizadas que não trazem o seu significado no candomblé.

1.4.1. Palavras não dicionarizadas

abafá *s.f.* Sala ou salão onde se realizam as festas do candomblé, na nação banto.

adé *s.m.* Homem com trejeitos femininos, homem afeminado.

adié *s.f.* Galinha preparada para sacrifício dos orixás.

adjuntó *s.m.* Terceiro orixá que acompanha o orixá do ori, que quer dizer cabeça.

adobá *s.f.* Reverência ao orixá ou ao zelador de santo daquela pessoa.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- ajuntó** *s.m.* Conjunto de forças do orixá principal do ori – cabeça.
- akikó** *s.m.* Galo.
- aladori** *s.m.* Pano amarrado à cabeça.
- alubaça** *s.f.* Cebola.
- apakan** *s.m.* Pano que se coloca no peito do orixá. Quando o orixá é feminino, dá-se o laço na frente, quando o orixá é masculino, dá-se o laço atrás.
- axó** *s.f.* Roupas dos filhos de santo.
- baluê** *s.m.* Cercado onde se coloca o assentamento das águas de Oxalá - festa oferecida para o Deus supremo-, sete dias antes, para que seja lavado.
- beja** *s.f.* Cerveja branca.
- betulé** *s.m.* Machado feito de pedra e de bambu para designação de Xangô - orixá da justiça e das rochas.
- bobogira** *s.m.* Exu macho, na nação banto.
- bobogire** *s.f.* Exu fêmea, na nação banto.
- brajá** *s.m.* Colar feito de búzios dos orixás Nanã – orixá dos pântanos e da lama -, Omulu – orixá que cura as doenças, qualidade de Obaluaê mais velho -, Oxalá – Deus supremo – e Tempo – orixá que governa as fases da natureza: primavera, verão, outono e inverno.
- califã** *s.m.* Prato ritualístico com quatro búzios, onde se pede a confirmação aos orixás em certos rituais.
- cincan** *adv.* Palavra usada pelo pai de santo, para se ter uma confirmação negativa junto ao orixá, quando se joga o califã; o mesmo que não.
- concican** *adv.* Palavra usada pelo pai de santo, para se ter uma confirmação positiva junto ao orixá, quando se joga o califã; o mesmo que sim.
- delonga** *s.f.* Demora. *Candomblé s.f.* Vasilha de beber.
- delongá** *s.m.* Prato.
- doburu** *s.f.* Pipoca.
- ebâmi** *s.f.* Nível hierárquico atribuído ao filho de santo após sete anos de obrigações feitas, na nação banto.
- elegum** *s.m.* Eleito, preferido do orixá.
- entaba** *s.m.* Charuto, cigarro.
- epô** *s.m.* Azeite de dendê.
- epojuma** *s.m.* Azeite doce.
- eram** *s.f.* Carne.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

erinlé *s.m.* Pombo.

eró *s.m.* enguiar *Candomblé s.m.* Segredos e ensinamentos revelados aos filhos de santo no terreiro em seu desenvolvimento.

exés *s.f.* Partes dos animais sacrificados para serem oferecidos aos orixás.

iku *s.f.* Alma, espírito desencarnado na nação banto.

ilá *s.m.* Som que o iniciado emite, quando irradiado do orixá, para que as pessoas saibam que está incorporado.

insaba *s.f.* Folhas, na nação banto.

ió *s.m.* Sal.

iruexim *s.m.* Objeto carregado por Iansã – orixá das ventanias e das tempestades – feito com rabo de boi.

já *adv.* De imediato, prontamente *Candomblé s.f.* Briga, luta, guerra.

lagdibá *s.m.* Colar de Obaluaê – orixá que cura as doenças, qualidade de Omulu mais novo – feito de anéis de chifre de boi.

lya kekerê *s.m.* Mãe pequena. "braço direito" da mãe-de-santo.

maruô *s.f.* Tipo de fibra de palmeira usada na confecção da roupa de Obaluaê – orixá que cura as doenças, qualidade de Omulu mais novo – e, também, na roupa de uma qualidade de Ogum – orixá das guerras, das contendidas, das demandas.

mucuiú *s.m.* À benção na nação banto.

muíla *s.f.* Vela.

nadabulé *v.* Dormir.

obará *s.m.* O sexto odu – destino - do jogo de búzios.

obecuruzu *s.f.* Tesoura.

obéxirê *s.f.* Navalha.

odô *s.m.* Rio.

ofá *s.m.* Arco e flecha utilizados por Oxóssi – orixá das matas – como ferramenta e com o qual ele dança quando incorporado nos terreiros.

ofangê *s.f.* Espada.

oim *s.m.* Mel.

oju-crê-crê *s.m.* Olho grande.

okê *s.f.* Montanha, morro.

okô *s.m.* Deus dos montes.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

okum *s.m.* Mar.

olokum *s.f.* Deusa do oceano, esposa de Oduduwá – Oxalá da terra.

oluwô *s.f.* Pessoa que vê através do jogo de búzios.

omadê *s.m.* Menino.

omin *s.f.* Água.

omobirim *s.f.* Mulher virgem.

oôrukó *s.m.* Dia em que o iniciado, após incorporado, falará o nome do seu orixá.

oriki *s.f.* Nome da saudação do orixá.

orum *s.m.* Céu.

orum-babá *s.m.* O pai do céu.

orumilá *s.m.* Deus do céu, Deus supremo.

osum *s.f.* Tipo de tinta derivada do urucum, usada na pintura do iaô – nome dado ao filho de santo, até completar sete anos de feitura.

oxupá *s.f.* A Lua.

panjira *s.f.* Exu fêmea na nação banto, o mesmo que bobogire, também da nação banto.

pepelê *s.m.* Local onde ficam os atabaques.

peregum *s.m.* Folha pertencente a Oxossi – orixá das matas – muito utilizada em rituais de descarrego.

rungeve *s.m.* Colar que as filhas de santo do orixá Iansã, com mais de sete anos de iniciadas, usam.

tatadeinkice *s.m.* Pai de santo na nação banto.

umbó *v.* Cultuar.

vunje *adj.2g.s.2g* (1899) PE *Infrm.* Que ou aquele que é muito esperto, sabido *v. ser engabelado por um indivíduo* *v. ETIM.* orig. banta, prov. quimb. *Candomblé. s.m.* Orixá menino, na nação banto.

1.4.2. Lista de abreviaturas

adj.2g.s.2g – adjetivo e substantivo de dois gêneros

adv. – advérbio

ETIM – etimologia

infrm- informal

orig. – origem

PE- Pernambuco

prov. – provavelmente

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

quimb. – quimbundo

s.f. – substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

v. – verbo

1.5. Linguagem dos vendedores de loja

Durante dois anos, observaram-se vocábulos da linguagem oral dos vendedores de loja de artigos esportivos, utilizados como códigos específicos. Este trabalho enfoca tais termos, agrupando-os em dicionarizados e não dicionarizados, sem o significado específico. Para o campo semântico pesquisado, atribuiu-se a abreviatura *Loj.*

1.5.1. Vocábulos não dicionarizados

Cacura= Idosos.

Calçadeiro= Aquele que trabalha com tênis ou sapato.

Calquimba= Brincadeira quando se vende um número a mais ou a menos para o cliente sem ele saber.

Dar nove= Dispensar.

De ene= Tudo o que não agrada ou está errado.

De s= Coisas boas.

Fazer o dez= Atender outra loja ou o próprio cliente que pede mercadoria pelo telefone.

Marcar o dez= Ser o último na lista de vez nas vendas.

Mesa 1 = Reunião.

Pega o pombo= Quando não se tem movimento.

Pernada= Quando trapaceia na vez.

Puxada= Arrumar o estoque.

Quesal= Chato e arruma confusão.

ST= troca.

S vista= Olhar.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1.5.2. Vocábulos dicionarizados

Caroço *s.m.* Semente de vários frutos. *Loj.* Cliente que pede várias mercadorias e não compra nada.

Dois *num.* Representação, em algarismo, do número 2. *Loj.* Banheiro.

Forma *s.f.* Maneira modo. *Loj.* Roubo ou semelhança física.

G (Gê) *s.m.* A 7ª letra do nosso alfabeto. *Loj.* Dinheiro.

Gato *s.m.* Felídeo domesticado pelo homem desde tempos remotos. *Loj.* Pés trocados.

H(agá) *s.m.* A 8ª letra do nosso alfabeto. *Loj.* Homem.

J(jota) *s.m.* A 10ª letra do nosso alfabeto. *Loj.* Quando dois ou mais clientes entram separados, mas no final estão juntos.

L(ele) *s.m.* A 12ª letra do nosso alfabeto. *Loj.* Falar.

Lote *s.m.* Quinhão que cabe a alguém numa partilha. *Loj.* Quando se refere a homossexuais ou um grupo de pessoas.

M(ême) *s.m.* A 13ª letra do nosso alfabeto. *Loj.* Mulher;

Meia *s.f.* Peça tecida em algodão, lã, seda, náilon, etc, para cobrir o pé e a perna ou parte dela. *Loj.* Movimento do dia.

Pedal *s.m.* Peça de um maquinismo que é acionado com o pé. *Loj.* Pé;

Poço *s.m.* Cavidade funda aberta na terra para atingir o lençol de água mais próximo à superfície. *Loj.* Aquele que está vendendo bem ou fez uma boa venda.

Quinze *num.* Representação, em algarismo, do número 15. *Loj.* Chamado à atenção.

Relógio *s.m.* Qualquer de vários tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo. *Loj.* Maluco.

2. Conclusão

Como um turbilhão, a linguagem falada e a imprensa registram inovações quase diárias da expressão linguística. A pesquisa aqui apresentada comprova o roteiro do seu movimento: a língua falada cria vocábulos ou atribui um novo significado aos já existentes; a língua escrita registra-os ou não. Em caso afirmativo, estarão eles à procura de uma vaga... no dicionário.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Princípios de linguística geral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Dicionário de linguística e gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro, 2004, cd-rom.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, cd-rom.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2005.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, 2. ed. EDUFC, 1987.
- OLIVEIRA, Lilian Manes *et al.* Empréstimo linguístico: uma atualização lexicográfica. *Cadernos do CNLF*, Vol. IX, n.º 16. Rio de Janeiro: CIEFEFIL, 2006.
- SANTOS, Agenor Soares dos. *Dicionário de anglicismos: e de palavras inglesas correntes em português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.